

7

Os “narradores” da Maré

“Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações, intuições.” (Chagas, Mário & Storino, Claudia, 2007, p. 6)

Esse capítulo de nossa tese continua fazendo parte da análise dos materiais recolhidos nas entrevistas e observações de campo, trata da reflexão sobre os depoimentos dos funcionários e diretores do Museu da Maré e o capítulo seguinte tratará das incursões feitas pelo Livros de Depoimentos e de Assinaturas dos visitantes do Museu.

O roteiro das entrevistas feitas aos diretores, funcionários do Museu da Maré e um dos antigos moradores e liderança local encontra-se no Anexo 1.

7.1

Quem são “os narradores”?

Começaremos identificando os “narradores”, ou seja, os diretores e funcionários do Museu da Maré por nós entrevistados.

Optamos por dividir nossas análises e reflexões em três eixos temáticos à luz dos principais conceitos por nós apresentados nos capítulos teóricos, ou seja, memória, identidade e espaços educativos não formais. Esses eixos se justificam pelo fato de nosso objetivo central ser analisar como o Museu da Maré pode fortalecer as identidades locais e contribuir para a construção da memória e da história local através de práticas educativas ressignificadas. Se todo o museu tem uma missão educativa (Appadurai, 2007, p. 12), procuramos identificar a dimensão educativa do desse Museu.

Na primeira parte apresentamos os sujeitos entrevistados: dois diretores do Museu da Maré, dois funcionários e um morador colaborador do Museu²³.

Sendo assim, iniciaremos por Carlinhos, de nome Antonio Carlos Pinto Vieira, nascido e criado na Maré. Figura popular, querida e respeitada na comunidade, apaixonado pela Maré e por tudo o que lhe diz respeito. Um dos membros fundadores e diretores do Museu da Maré e do CEASM. Tem sido nosso

²³ Toda vez que utilizamos apenas a expressão Museu em maiúsculas, estamos nos referindo ao Museu da Maré, objeto de pesquisa e estudo desse trabalho.

principal interlocutor local durante todo o trabalho de campo e pesquisa. Advogado, mestre em Memória Social com uma dissertação sobre a história da Maré²⁴. Militou na Pastoral da Juventude nos anos 80, depois no PT e também, na Associação dos Moradores do Timbau. Tem 46 anos, é casado, foi criado no Timbau, atualmente vive num bairro próximo à Maré. Embora tenha outra profissão e emprego, é advogado e funcionário público, continua com horas dedicadas à Maré através de sua contínua atuação no CEASM e no Museu da Maré.

Carlinhos conta a história da Maré com riqueza de detalhes, animação e paixão, como um *velho narrador benjaminiano*. Preocupa-se com a imagem do Museu da Maré também para o lado de fora, ou seja, para a cidade do Rio de Janeiro, o Brasil e quiçá, o mundo.

O outro diretor por nós entrevistado é Lourenço César da Silva. Tem 41 anos, solteiro, morador na Vila do João. Nascido e criado na Maré, formado em Geografia. Gentil, de temperamento agradável e receptivo, sorriso franco, aquela simpatia. É também um dos diretores do CEASM.

Dos funcionários do Museu entrevistamos Terezinha e JB. Terezinha de Jesus Normandes Lanzelotti, 46 anos, funcionária do Museu da Maré, assistente social, é a nossa terceira entrevistada. Casada, nascida e criada na Maré, residente na Baixa do Sapateiro. Pessoa receptiva, dinâmica, generosa, faz de tudo no museu - do secretariado à mediação nas visitas guiadas e dramatizações feitas para o público dentro do Museu. Atualmente também auxilia no trabalho com as crianças na Biblioteca Elias José do Museu da Maré.

J. B., João Batista Henrique, 24 anos, coordenador dos guias do Museu, arte educador e colaborador no Projeto de Leitura da Biblioteca do próprio Museu. Nordestino, veio criança para a Maré. Rapaz jovem, criativo, inteligente e ótimo ator. Atua nas peças do Museu, quase todas envolvendo aspectos da história ou do cotidiano da vida na Maré, algumas baseadas no Livro de *Contos e Lendas da Maré*. Acabou saindo do Museu recentemente, no mês de novembro de 2011, para trabalhar na FIOCRUZ.

Também entrevistamos “Seu” Atanásio, maranhense, morador da Maré há 57 anos, personagem “histórico” na região. Tem 80 anos, casado, aposentado. Migrante nordestino, alfaiate por profissão, ativista político via ter exercido a

²⁴O capítulo desta tese sobre história da Maré se baseia principalmente em sua dissertação de mestrado em Memória Social sobre a História da Maré, como já afirmamos anteriormente.

presidência da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro. Entusiasta do Museu da Maré e um dos colaboradores desde sua criação. Frequentador assíduo do Museu, sempre aparece nas reuniões dos “Chás de memória” e outras atividades culturais.

7.2 **Afinal de contas, o que eles querem narrar?**

As narrativas construídas no Museu da Maré, tanto pelos objetos escolhidos, quanto pelas fotografias, como pelas histórias contadas, se entrelaçam com os personagens que criam o Museu, o administram e dirigem até os dias de hoje. Por isso, nesse item vamos analisar as entrevistas que essas “testemunhas oculares da história” nos concederam à luz dos referenciais teóricos trabalhados.

Com o intuito apenas de facilitar nossa reflexão e análise dividiremos em grandes subitens temáticos.

7.2.1 **“Por que o museu em favela ?”**

É de grande importância, né?! Logo, eu lembro que, logo no primeiro ano do Museu, surgiram várias críticas ao Museu da Maré: “Por que o museu em favela?”, “O que esse Museu vai mostrar, né?”.... Enfim, Mas, hoje, eu acredito que cada comunidade, cada região deveria ter não um museu, mas um centro de memória, onde se possa é... preservar, né? Resgatar, preservar e valorizar essas histórias, essas vivências, essas memórias que são tão ricas, né? Essa construção coletiva das comunidades, eu acho isso muito importante.

Essa foi a resposta dada por JB à pergunta que lhe fiz quando o entrevistei, ou seja, indaguei: *Você acha importante ter um Museu na Maré, ou em qualquer outra comunidade popular ?* Sem dúvida, em meu trabalho de campo, um dos achados de campo foi a confirmação da crença que tínhamos de que toda a comunidade popular também tem muitas vezes a vontade e sempre o direito de narrar sua história e construir sua memória.

Eu acho que o Museu contribui muito para a comunidade porque o Museu propriamente dito não é só para os moradores, se fosse só para os moradores não tinha nem graça. Então, o Museu que nós estamos fazendo, ou que eles fizeram é justamente para mostrar que

nessas áreas carentes não existe só coisa ruim, que nós temos aqui, graças a Deus, boas coisas que podem ser mostradas, não só para os moradores do Rio de Janeiro como pra qualquer cidade, tanto faz brasileira como estrangeira, que venha para ver de perto o que significa a Maré.

Eu vejo que o Museu traz muitas coisas que as crianças podem ver, desfrutar, verem como era antigamente as coisas e qual o grau de melhoria que traz para a gente essa coisa toda... Então, vai criando uma nova mentalidade.

Os trechos acima de um dos “narradores da Maré” - “Seu” Atanásio - nos remete ao marinheiro ou comerciante de Benjamin. Tal qual o comerciante, que não sai do local, encontramos na fala de “Seu” Atanásio a preocupação de contar as coisas boas da Maré, a sua história de luta e resistência naquele local, não só da Maré para a Maré, mas deve ser contada para o mundo, para fora da Maré, uma forma de afirmação de sua existência e do valor daquele “povo” que conseguiu permanecer ali a despeito de tudo e de todas as políticas públicas que tentaram removê-los. A “fala” de “Seu” Atanásio e de outros moradores do local nos aponta para a interpretação elaborada por Chagas & Abreu (2007), abaixo e com a qual nos identificamos:

“Foi pensando nestas questões que voltamos a visitar o Museu da Maré e, depois da visita, concluímos que ele é mesmo um museu que extrapola as fronteiras espaciais e geográficas, temporais e históricas. Trata-se a rigor, de um museu impregnado de humanidade, de um museu que, sendo da comunidade, rompe com a lógica do gueto, de um museu com excepcional valor simbólico, notável capacidade de comunicação e que, por tudo isso, torna-se a expressão viva de uma utopia museal de cidade que somente será construída se formos capazes de integrar as narrativas que formam seu rico acervo: as narrativas das camadas populares.” (id, p. 134)

“Seu” Atanásio é reconhecido e respeitado até pelos “meninos do tráfico” como fica exemplificado na sua fala abaixo, o que intensifica sua condição de velho e sábio “narrador da Maré”:

Da luta que nós fizemos... Essa coisa toda! Então, eu tive em Nova Holanda²⁵ há pouco tempo, e de lá eu digo “Vou aqui por dentro para cortar caminho”. Aí, a moça: “Não... pelo amor de Deus! Não vai por aí... que tem uma facção que é contra o teu lado.” Aí, eu digo: “Não filha, não tem problema!”. Acontece o seguinte, que essa turma toda que hoje são malandros, eu vi nascer!”

Às vezes eu vô passando: “Oi, Seu Atanásio!” Não tem problema! Graças a Deus!...o cara tá lá, com escopeta na mão...pra mim não tá dizendo nada!

²⁵ A Nova Holanda é uma das comunidades da Maré surgida nos anos 60 com a remoção de diversos moradores da Favela do Pinto, do Esqueleto, dentre outras, para aquela região, como explicamos no capítulo 4.

O depoimento de “Seu” Atanásio referenda o patamar social, respeitado e legitimado que ele ocupa na comunidade, porém traz questões sérias e dados da realidade de qualquer região de favela no Rio de Janeiro contemporâneo. Muito embora muitas comunidades hoje em dia tenham recebido a UPP (Unidade Policial Pacificadora). Cabe lembrar que a UPP ainda não havia chegado à Maré na época de meu trabalho de campo, ou seja, em 2010 e 2011..

Nos depoimentos que encontrei sobre o tráfico e a visitação ao próprio Museu da Maré há contradições entre seus próprios “narradores”, como o depoimento anterior de “Seu” Atanásio que se contrapõe ao de Terezinha exposto abaixo.

Não percebo isso, o tráfico não impede ninguém de circular, pelo menos eu não consigo ver, porque eu circulo para todos os lados. Só os mais novos mesmo, que estão chegando há cinco, quatro, três anos que provavelmente sentem esse problema, sentem esse medo! Ah, não vou para o lado de lá, não vou para o outro lado por causa do tráfico.

Por outro lado, a fala de JB abaixo endossa o depoimento de “Seu” Atanásio quando afirma que questões do tráfico afetam a ida ao Museu da Maré. Em nosso trabalho de campo percebemos que de fato isto ocorre, pois ao entrevistarmos os pescadores, como já abordamos no capítulo anterior, vários se remeteram ao fato de nunca terem ido ao Museu da Maré devido a esse problema, principalmente aqueles do Parque União.

Te falar que cinco anos para o Museu tá bebê ainda. Claro que o Museu da Maré hoje ainda tem é ... ainda precisa fazer uma ação mais efetiva de divulgação, de ampliação em toda a comunidade. É difícil você trazer pessoas do Parque União para o Museu da Maré, é muito difícil devido à distância, até mesmo questões da região do tráfico mesmo.

Essa questão da existência do tráfico, também afeta a frequência ao Museu da Maré, como nos confirma o depoimento abaixo de Lourenço.

Eu pelo menos não. Não sei se a Claudia, o Carlinhos, se dentro desse movimento que eles já tinham participado se eles já tinham ouvido (falar do primeiro ecomuseu, na França). A gente começou a falar, e o Museu correu o risco de se tornar naquele ecomuseu. Isso eu lembro que a gente fez uma discussão, a princípio, sobre isso. Porque era muito além de ter um espaço de memória e sim, um território de memória, né? Praticamente. Mas aí, a gente achou que era inviável pela questão da função do tráfico, a questão da circulação e a questão principal, que a gente estava muito magoado com o turismo que tava ocorrendo nas favelas da Zona Sul do Rio. A forma como a favela estava sendo vista. E a gente desde o princípio não queria ser aquilo.

O depoimento acima de Lourenço, mais uma vez nos remete ao fato dos museus comunitários e os ecomuseus serem museus que caminham com o movimento social, contra-hegemônicos, pois o próprio Museu da Maré já nasce contestando, também, o turismo feito nas favelas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ainda, sua entrevista nos oferece um rico depoimento ao nos falar do empoderamento positivo que os diretores do Museu da Maré tentam dar à palavra favelado, tão estigmatizada na sociedade brasileira. Cabe lembrar que o Museu do Cantagalo -Pavão-Pavãozinho chama-se Museu de Favela – MUF. Faz parte desse movimento de museus populares e de outros movimentos, esse tipo de iniciativa, ou seja, ressignificar palavras estigmatizadas, dentre ações.

Quando perguntamos ao nosso entrevistado quais as maiores mudanças geradas pelo Museu da Maré, Lourenço respondeu: *Ah, quer ver onde eu vejo uma mudança mais gritante? É no comércio, os comércios todos estão usando o nome Maré nos nomes.*”

Outro ângulo importante em nossa reflexão é que é impossível falarmos do Museu da Maré sem nos remetermos ao CEASM, como já abordamos em capítulo anterior. A fala abaixo de Carlinhos também deixa bem claro a importância do CEASM no fortalecimento identitário dos moradores da Maré e relaciona o Museu da Maré à existência do próprio e à militância desde a Pastoral da Juventude desse mesmo grupo de jovens moradores do Complexo da Maré.

O Museu da Maré, na verdade é um desdobramento de todo um processo nosso de militância dentro da comunidade, eu nasci na comunidade do Morro do Timbau em 65(...). Eu não sei exatamente qual teria sido a razão deles terem vindo morar ali, eu acho que tem relação com obras da Avenida Brasil, meu avô trabalhou na obra da Avenida Brasil e como aquela região era próxima ao local de trabalho, eu acho que isso favorecia a moradia ali no local. (...) Eu morei no Timbau até os meus 34 anos, 35 anos (...)

Também as atividades educativas e culturais do Museu contribuem para o processo de empoderamento social da comunidade na medida em que a comunidade se sente valorizada, prestigiada, sua memória construída e sua história ressignificada pelo Museu principalmente, não há mais porque se esconder que se mora na Maré etc.

Isto detectamos no trecho abaixo da entrevista de Lourenço:

Não, porque. é o ganho e ele (o Museu da Maré) é um ganho, muito além do que a gente imaginou, porque a gente (o Museu da Maré) nasceu da discussão de identidade e pertencimento. Então, se o cara diz assim, meu estabelecimento é Maré, então, é sinal que nosso trabalho surtiu efeito.

Antes de se tornar o Museu da Maré, ali funcionava a Casa da Cultura, numa antiga fábrica de transportes marítimos cedida ao CEASM por dez anos (Chagas, 2007, p. 134). Um dos incentivos de que a Casa de Cultura poderia virar um Museu foi dado pelo próprio professor e pesquisador Mário Chagas, como nos mostra o depoimento abaixo de Lourenço:

(...). E aí, quando veio essa ideia do Museu, a gente achou meio louco. Aí, a gente ficou meio assim: Ah,.... Depois eu fiquei sabendo que foi dos encontros, dos fóruns...que conheceram Mário Chagas, que foi uma das pessoas que incentivou e meio que disse que existia um caminho para o Museu.

Então, foi um trabalho que foi... e a comunidade recebia muito bem tudo que a gente fazia e adorava... adorava ver as fotos antigas, adorava a última página do Jornal do Cidadão. Então, você vê, têm vários fatores aí. O CEASM, a Rede de memória que a gente cria, o espaço lá embaixo, que é cedido para o CEASM. A princípio a ideia era colocar ali uma escola de dança, como desdobramento do espetáculo do Bertazzo... E a outra coisa é essa relação com a Fiocruz e a relação com o Mário Chagas.

Também o depoimento acima de Carlinhos nos mostra a conjuntura favorável que vai conduzindo e sendo conduzida por “nossos narradores” rumo ao nascimento do Museu da Maré. Cabe lembrar que foi unânime em nossas entrevistas a fala de todos os entrevistados de que não houve uma intenção inicial em fazer um Museu na Maré. Esta iniciativa foi o desdobramento de um processo.

Então, foi assim muito bacana essa coisa. E aí, lá no Museu da República, a gente então, resolveu... tiramos esse projeto e a ideia era fazer uma exposição sobre a Maré no Museu da República. Quando o Mário soube dessa coisa da dona Orosina, ficou muito encantado. Então, nós vamos fazer a volta da dona Orosina ao Palácio do Catete, aí, ele fazia uma conexão entre palácio e palafita; palácio - palafita.”

A fala acima e abaixo de Carlinhos mostra o quanto o auxílio de vários intelectuais e artistas no projeto do que seria futuramente o Museu deu corpo e força aos sonhos de nossos narradores.

É. Então, foi uma parceria muito bonita, disso ficou a exposição que eram dois ambientes. Ficou uma exposição bonita, com fotos, e nessa exposição nós colocamos, também, objetos e fizemos uma vitrine com objetos da dona Orosina e muitas fotos, e dois ambientes, um ambiente palafita e um ambiente alvenaria, que seria mostrando a transição da favela. E aí, eu

posso te dizer, Helena, que essa exposição já era o embrião do museu, porque muita coisa que estava na exposição está hoje lá no Museu. (...) Também, exatamente isso! O Museu, ele então, ele não é alguma coisa que alguém pensa, faz e... ele é uma coisa que vai acontecendo.

Os depoimentos comprometidos e apaixonados de Carlinhos sintetizam o envolvimento visceral de nossos entrevistados com a causa. Eles são ao mesmo tempo testemunhas oculares dessa bonita história de resistência, mas também, protagonistas e narradores da mesma.

Sarlo (2007) afirma que a memória é um direito e um dever, um bem comum e uma necessidade. Logo, o sentimento de busca por uma memória feliz, uma memória mais equânime, mais justa, como nos afirma Ricoeur (2007), acaba levando esse grupo de moradores e intelectuais a procurar estratégias para a construção da memória e história local, o que culmina com a criação do próprio Museu da Maré.

O Museu traz esse resgate histórico e essa afirmação de identidade. ...e me empoderei, mesmo nesse momento de resgate histórico e me auto afirmo mesmo, enquanto moradora da Maré, favelada, enquanto mulher. Eu não tenho vergonha jamais de onde eu vá e sempre falo, com dignidade, que sou moradora da Maré. Teve muitos sacrifícios, precariedades..... “

(...)

É um povo que lutou muito para chegar como está hoje, o Museu da Maré me fortaleceu, só tenho a agradecer. Eu acho que eu estava um pouco anestesiada. Quando jovem, e com o passar do tempo, e tudo, a gente vai amadurecendo e percebendo que os valores são muito maiores. É ou não é?

Os dois trechos acima do depoimento de Terezinha nos demonstram a importância do Museu da Maré no movimento social e na luta contra o preconceito e a afirmação de populações excluídas socialmente numa cidade como o Rio de Janeiro. Chagas & Abreu (2007) afirmam:

“A experiência do Museu como ferramenta de comunicação e trabalho contribui para a luta contra o preconceito em relação aos museus – tradicionalmente considerados como dispositivos de interesse exclusivo das elites econômicas- e também em relação às favelas - comumente tratadas como lugares de violência, de barbárie, de miséria e de desumanidade. A polêmica provocada pelo Museu da Maré sublinhou um fato que mesmo sendo óbvio, frequentemente não é levado em conta, qual seja: o da favela como lugar de cultura, de memória, de poética, de trabalho, e não apenas como território privilegiado da bala perdida ou teatro de guerra onde policiais enfrentam bandidos e bandidos enfrentam policiais.” (id, p. 133)

Quando ao final da entrevista eu disse a Terezinha que se quisesse poderia dizer algo sobre o Museu, ela reforçou tudo o que já havia dito e acrescentou sua preocupação com o fato de desejar que as gerações mais novas deem continuidade ao próprio Museu em si, como nos relata no trecho a seguir.

Que esse Museu venha resgatar mais histórias e auto afirmar essas pessoas que trazem essas histórias. Que elas se empoderem disso, né, com a sua autoestima também, que isso é muito importante! E que as pessoas que vem após a gente, elas não deixem isso morrer; os jovens que vierem, as crianças que vierem, elas segurem esse Museu, para que ele siga seu curso por longas datas.”

7.2.2

“Porque ele nasce desse projeto político de identidade e pertencimento”

“Lá tudo é tenso, palco de conflitos variados. Tudo está submetido a uma dramaturgia especial, as identidades são cambiantes, deslizantes e híbridas. O trabalho com a memória da Maré não foge à regra: também ele é tenso, denso e dramático, também ele pode ser utilizado como um dispositivo que tanto serve para cerzir e produzir coesão social como para esgarçar e fragmentar relações.” (Chagas & Abreu, 2007, p. 135)

Chagas e Abreu (id) nos alertam para a importância ideológica do trabalho com a memória e a identidade. Portanto, todo trabalho com memória envolve relações de poder, quer sejam elas de grupos dominantes ou dominados. O Museu da Maré não escapa disso, mesmo tendo sido criado por moradores do lugar; na verdade, há que se exercer uma contínua vigilância para que esse espaço institucional represente o coletivo, não se afaste e fuja dessa sua origem comunitária.

O Museu da Maré torna-se assim, o receptáculo da memória da Maré em seu espaço construída e transmitida por vários de seus narradores. Os museus comunitários, especialmente, trazem a função educativa em seu “estandarte”-, ou seja, na frente, junto ao movimento social-, pois desejam a melhoria da qualidade de vida daquelas populações e o fortalecimento identitário da própria comunidade. Para isso, educar a população através da construção de sua memória e narração de sua história é fundamental para o empoderamento e fortalecimento identitário desses grupos populares.

Le Goff nos afirma que para os grupos sociais tornarem-se “senhores” da memória e do esquecimento são envolvidos por lutas de classes, por relações de poder, como nos deparamos em todos os museus, ou seja, o que se quer lembrar e o que se quer esquecer. Tanto os museus clássicos, como os museus comunitários, passam por estes processos e disputas, vivem o tempo todo nessa tensão.

Ah, com certeza o Museu da Maré, toda a sua construção foi feita juntamente com a comunidade, né. Antes de toda essa história de Museu da Maré, se fazia, se fez muitos e muitos encontros, fóruns, né, com os moradores pensando nessa construção coletiva do Museu da Maré. Então, o Museu da Maré é sim, comunitário e vêm junto, já que esse movimento, que essa militância do CEASM com toda essa construção, assim como o CEASM, também foi construído, também, por coletivo de moradores. O Museu da Maré, também seguiu essa linha e como filho do CEASM, também seguiu essa linha no movimento social.

A fala acima de JB nos redimensiona a participação efetiva dos moradores da comunidade na construção do Museu da Maré. Portanto, como museu comunitário se define por aquele tipo de museu que foi construído e criado no e pelo movimento social, o Museu da Maré assim se encaixa como comunitário.

Deve ter sido, já é uma extensão da ação do Museu da Maré, né, além é claro, né, de dar um valor a mais aos moradores, né. Nos nossos encontros com os moradores, chamado “Chá de memória”, eles falam muito sobre isso, né, da importância que é o Museu, como isso é importante.

A fala anterior de JB reforça o orgulho dele e segundo o mesmo, dos moradores da Maré, em ter um museu na região em que vivem. A comunidade participa também, de suas atividades e cobra se haverá ou não certas atividades, shows, cursos etc. Com isso, também ela o constrói e ressignifica a cada momento, no cotidiano, conforme a demanda do próprio movimento social. Vieira (2008) nos demonstra no trecho abaixo o valor que o museu comunitário pode desempenhar:

“Não se pode esquecer o papel dos grupos sociais. Na verdade, como portadores das memórias coletivas, eles podem romper com esta lógica do lugar de memória atrelado à história oficial e construir novos paradigmas que deem novo sentido a este conceito e rompam com o que Nora diz ser o ‘esfacelamento da memória’ (Nora, 1993, p.17). Aos grupos sociais, cabe ressignificar os lugares de memória, devendo assumir o papel ativo na sua identificação. Um fator fundamental a ser considerado deve ser justamente o da “utilidade” dessa memória como combustível de transformação social.” (Vieira, 2007, p. 156)

Os museus comunitários, como o da Maré, tentam construir uma memória contra-hegemônica, na contra corrente, a despeito das dificuldades que enfrentam e da própria questão de alerta que nos é dada por Chagas e Abreu na citação acima apresentada. Esse ponto nos leva a outro crucial na discussão sobre a importância e o significado desses museus. Nessa linha reflexiva inevitavelmente podemos pensar se o Museu representa ou não todas as comunidades da Maré. Por isso, a pergunta feita por mim ao entrevistar “Seu” Atanásio: *O senhor acha que por causa desse problema do tráfico, e dessas divisões políticas internas, o Museu da Maré não representa toda a Maré? Mas ele é importante de existir?* Ao que ele respondeu:

Não, estritamente ele representa toda a Maré! Porque todo mundo que conhece, que fala do Museu da Maré, fala do Museu da Maré, fala que abrange a 16 comunidades. Então, ele representa a toda a comunidade.

(Entrevistadora pergunta): *Então, ele representa? (...)*

“Representa! Representa! Infelizmente não é bem frequentado pelas outras comunidades porque fica do lado de cá!”²⁶

Além disso, a fala de “Seu” Atanásio nos traz a preocupação de afirmar que o Museu representa a história de todas as comunidades da Maré. Segundo ele, o que muitas vezes atrapalha são as divisões internas do próprio tráfico restringindo e intimidando as comunidades no seu direito de ir e vir. Essa fala, também, nos conduz à questão sobre identidade, ou melhor, do possível fortalecimento identitário da comunidade, ou das comunidades, através da construção da história e memória da Maré.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é constituída de vários pontos de referência importantes para a coletividade à qual pertencemos. Tais elementos de referência - situações, monumentos, paisagens, músicas, comida etc - são transmitidos pela tradição e podem ter sido ou não vividos pelos sujeitos, como é o caso da palafita, onde diversos indivíduos viveram nelas e outros não. Portanto, a base de uma determinada identidade é composta pelas referências culturais que permitem um sentimento de pertencimento a um grupo.

Eu acho que a identidade não deu para atingir a todas as comunidades, porque infelizmente a gente tá com uma defasagem, uma deficiência de comunicação, o Museu não consegue atingir a todas as comunidades. Tem

²⁶ Nessa fala “Seu” Atanásio refere-se ao tráfico e suas divisões internas e territoriais do próprio espaço da Maré, o medo da população local em frequentar áreas fora do domínio da facção do tráfico que manda naquele local de sua residência. Isso também foi por nós abordado na análise das entrevistas dos pescadores.

comunidades que ainda não se identificam como morador da Maré, enquanto comunidade, enquanto favela. As pessoas, elas, às vezes, preferem não dizer que moram, então, nem todos foram (...) atingidos, nem todos ainda foram contaminados.

O trecho transcrito acima da fala de Terezinha complexifica esse ponto nevrálgico sobre a justificativa do Museu da Maré representar ou não toda a Maré. Mostra-nos por outro lado, que de fato várias comunidades que visitam o Museu não se sentem representadas e que a própria Terezinha percebe essa realidade. Também, voltaremos a esse ponto no próximo capítulo ao analisarmos alguns dos depoimentos dos moradores do local ao visitarem o Museu da Maré. Algumas comunidades se sentem menos representadas, como o Conjunto Esperança e a Vila do João, dentre outras, como nos afirma Terezinha.

Por outro lado, JB, embora ateste o mesmo que Terezinha, nos diz que as comunidades que menos se sentem representadas no Museu, são o Parque União, Roquete Pinto e Rubens Vaz.²⁷ Além disso, JB também nos chama atenção para as fotos expostas no Museu, pois a maioria delas são das comunidades mais antigas, como: Nova Holanda, Timbau, Baixa do Sapateiro, Vila do João, locais também que tiveram muitas visitas de governantes e grandes construções

No entanto, embora pontualmente algumas comunidades não se sintam tão representadas como nos afirma Terezinha, concordamos com Lourenço quando afirma que os objetos do Museu são como palavras geradores que perpassam e tocam a todos os moradores das comunidades da Maré e de diversas outras comunidades populares. Os trechos abaixo de Chagas & Abreu (2007) ilustram o que acabamos de expressar de forma mais clara e precisa:

“O Museu da Maré afirma-se como um museu universal, sem perder de vista a sua dimensão nacional e regional e sem deixar de tratar das diferentes localidades da favela, da vida social de mais de 130 mil pessoas e, especialmente, do cotidiano delas, mergulhado em histórias, tradições, festas, esperanças, projetos, sonhos e reflexões diversas.”

Portanto, construir essa memória é fortalecer os laços de identidade dos grupos que integram a comunidade da Maré. A fala abaixo de Terezinha nos remete a esse conceito de que lembrar é compartilhar vivências, sentimentos, relações entre familiares, próximos, amigos, vizinhos etc.

²⁷ Cabe lembrar que tanto Terezinha, quanto JB, foram e ela ainda é mediadora do Museu, logo mantém um estreito contato com o público visitante e são guias dos mesmos nas visitas.

Eu gosto do “Tempo da casa”, que retrata toda vivência da relação familiar e a relação...., quando eu digo familiar, eu não digo só família ... moradores, pois nos consideramos uma grande família. Então, os barracos eram muito próximos e tinham essa relação, nós éramos os vizinhos que quando fomos solicitados, estávamos sempre disponíveis.

Essa relação a que Terezinha se refere nos mostra mais uma vez a proximidade e a luta de comunidades populares – como a da Maré - que vivem dramas e desafios, que devido à ausência do poder público, geraram a união dos mesmos lutando por uma qualidade de vida, ou apenas para poderem sobreviver. E são lembranças como essas que, segundo Pollack (1989), partilhamos através da memória coletiva.

Eu não morei na casa de palafitas, quem morou foram meus pais, eu já morava numa casa de aterramento. Meu pai também tinha essa iniciativa de fazer as melhorias, enquanto participávamos da Associação de Moradores e daí, em diante a coisa foi melhorando, mais ainda da construção do barraco, que era muito grande, mas não dentro da água, dentro do aterramento. Mas, a família do meu pai morava toda; e nós circulávamos diariamente, pois vínhamos visitar nossas tias e avós.

Esse depoimento comovente de Terezinha como protagonista dessa história nos envolve e a envolve, pois quando mediou a visita ao Museu de alguns pescadores que entrevistamos acabou chorando ao vê-los chorar por identificarem nas fotos seus próprios “barraquinhos”. Alguns deles, como já afirmamos no capítulo anterior, nunca tinham visitado o Museu, se emocionaram ao ver nos objetos daquela palafita, o seu próprio “barraco”! Ou ainda, quando apontavam em algumas fotos da década de 70 e 80, os seus próprios barracos e/ ou barcos. São esses objetos, lembranças, afetos, enfim “modos de viver” que fazem parte da memória compartilhada por aquele grupo. Com certeza o reforço dessa realidade através de imagens e objetos facilita o fortalecimento dessas identidades locais no contexto do universo cultural da Maré.

Não, sim, a palafita é um centro, né? Além de um acervo de um tempo, ela também é um acervo do Museu, onde pode-se dizer que a maior identificação, aí, com os moradores. Tem morador que chega no museu e se depara com aquela palafita, ele começa a chorar, ele não consegue nem se quer subir.”

JB nos chama atenção em sua fala anterior sobre o apelo que alguns objetos geram no público, principalmente nos habitantes da Maré. Sem dúvida alguma a palafita é a mais emblemática peça do acervo do Museu da Maré.

Não, morei quase nas palafitas, quer dizer, morei nas palafitas, porque meu barraco tinha uma parte que aqui era no chão, outra parte era em cima d'água, tinha uns pés de madeira. Eu não tinha barraco não, quem tinha era ela, e quando nos resolvemos nos casar...

Também o depoimento acima de “Seu” Atanásio nos remete ao fato dele ter vivido nas palafitas e à situação de dificuldade passada por diversos desses narradores. Assim sendo, eles se assumem como protagonistas dessa história local e da construção dessa memória que será exposta ao público, recontada e revisitada em momentos diferentes por eles mesmos e pelos outros moradores da região. Mais uma vez a marca de museu comunitário se coloca ao Museu da Maré quando a população local assume a autoria dessa iniciativa e construção.

Claudia, Carlinhos, Professor Marcelo Belford, o Edson, a Renata... tinha uma turma boa! E já tinha essa discussão. Se eu não me engano, na época eles já fizeram uma exposição de banners, e aí, toda festa a gente trabalhava com esses banners. Trabalhava muito nas festas, também, com slides. Foi um nesses slides que vi meus irmãos na palafita. Só que isso se perdeu, parece que foi devolvido para a Caixa Econômica e pegou fogo lá. E aquilo me chamou muito a atenção, porque eu vi todos meus vizinhos da palafita... criança ainda.

Lourenço inclusive acrescenta em conversa conosco que não se lembra de sua vida na palafita, mas ao ver as fotos expostas (numa das primeiras exposições feitas por esse grupo que irá fundar o Museu da Maré) é que reconhece seus irmãos e vizinhos naquelas fotos.

Sarlo (2007) entende que não há testemunho sem experiência, sendo assim, Carlinhos não chegou a viver nas palafitas, mas ajudou quem lá morava, se solidarizou e sofreu com os mais pobres que ali viviam, pois trabalhou voluntariamente no posto de saúde do local. Carlinhos na ajuda prestada à comunidade é um testemunho e à luz da teoria de Sarlo (id) e Ricoeur (2007), todo o testemunho desempenha funções sociais ou judiciais.

Tinha, tinha muita palafita ali também, e a gente fazia... tinha um posto médico que eram uns médicos voluntários que iam atender as pessoas lá, eu trabalhava nesse posto ajudando a preencher as fichas das pessoas e auxiliando a médica lá para fornecer remédio para as pessoas, enfim, a gente também fazia visita às famílias, as famílias mais pobres, a gente aproveitava e levava alguns alimentos também. Então, era um trabalho assim, dessa natureza social.

Tanta emoção assim ao ver a palafita nos remete ao sentido existencial da casa para todo e qualquer ser humano. Vieira (2008) explicita sobre o significado simbólico da casa, presente em diferentes povos em tempos e espaços diferentes.

“Sem dúvida, temos na casa um lugar de memória. A materialidade talvez seja o caráter predominante deste “objeto”, já que existe e é concreto e, mais do que um objeto em si, apresenta-se como um conjunto de objetos. Por outro lado, a casa é portadora de uma extrema força simbólica, que não poupa qualquer de seus visitantes, expõe sentimentos, impõe um ritual de passagem, de imersão no tempo. É também funcional, explicada pelo contexto no qual está inserida, que se pretende como um espaço-museu.” (id, p. 157)

Nos museus comunitários esses objetos são entregues e doados pela comunidade na maioria das vezes e isto gera e fortalece o sentimento de pertencimento daquele espaço como deles. Encontramos esta realidade também na fala de JB quando se refere ao Livro de Depoimentos e às demandas das diferentes comunidades aí registradas. Este ponto será melhor explorado no capítulo seguinte.

Sim, tanto é que há um caderno na exposição de comentários, onde os moradores relatam, escrevem, fazem pedidos, né! Indicam algumas questões também e eles são convidados a trazer fotos, documentos, a dar entrevistas para que possa contemplar todas as 17 comunidades dali da região..

Também JB revelou em seu depoimento o quanto a construção de sua identidade se deu no contato e mediação com os moradores nas visitas ao Museu da Maré:

Sim, o próprio contato com os moradores, né. As experiências, as vivências adquiridas, né. Eu ouvi muito, eu escutei bastante, e acho que isso tudo proporcionou essa construção, né, essa moldura toda”

Vieira (2007, p. 158) reflete sobre a experiência bem sucedida do Museu da Maré, como uma referência da construção da memória local como “um processo de autoconstrução de uma “comunidade afetiva”, que se reforça nos sentimentos de pertencimento, experiência singular num espaço marcado por silêncios e fronteiras invisíveis.”, já que seus protagonistas são seus próprios moradores, como ele próprio nascido e criado na Maré.

Sim, ele trabalhou nos aterros. A pavimentação que eles faziam de cimento, recebiam um material de concreto, aí, durante a madrugada, as pessoas acordavam duas horas da manhã correndo desesperadamente com resto de concreto, e tinham que espalhar aquele concreto até que endurecesse. Então, era um trabalho muito sacrificante.

No trecho acima Terezinha refere-se aos aterramentos feitos de madrugada, escondido da polícia, pelos moradores. Afirma que seu pai também trabalhava em prol disso e ela assistia esse trabalho e luta para a melhoria da qualidade de vida de todos por ali.

Eles (os museus comunitários) querem perpetuar sua existência, suas lutas, suas conquistas e derrotas também. E eu, acho que o museu tem muito essa função. Porque ele nasce desse projeto político de identidade e pertencimento. Então, ele nada mais é que um instrumento pra perpetuar a luta política, fundamental que é de garantia de melhorias, discussão do “eu”, justiça social... Então, era uma coisa diferente. Ai, quando veio “museu”, museu pra quem, né? Para os moradores da Maré. A gente não imaginava que muita gente de fora iria vir aqui ver o museu, né? A ficha só caiu anos depois, quando começaram a fazer várias matérias...”

Lourenço no trecho acima remete-se, como escrevemos anteriormente sobre a fala de “Seu” Atanásio, ao fato do porque da existência do Museu da Maré, ou melhor, para que ele existe. Mas, sua fala também nos traz a importância do projeto político de fortalecimento identitário, de sentimento de pertencimento, como nos elucidava Halbwichs ao nos afirmar que a memória compartilhada é aquela que é gerada pelo compartilhamento de lembranças comuns a um grupo de pessoas, como a lembrança das palafitas, onde vários deles moraram e que se deparam ao entrar no Museu da Maré; ou as fotos de vários momentos históricos na favela, como carregar água no *rola-rola*, que é exibido nas fotos expostas na exposição permanente do Museu, dentre outros exemplos que poderíamos dar. Portanto, para Halbwichs as lembranças sempre são fruto de uma experiência coletiva num contexto social específico.

Na verdade nosso discurso já tava assim, né? Contra hegemônico... fazia toda essa discussão. Essa valorização da identidade enquanto favelado era muito forte. Quando surgiu a ideia do Museu, foi uma reunião da diretoria, e o Carlinhos, depois a Rose...e Luis Antônio também, e o Marcelo... são uma galera que sempre circulavam mais no mundo da cultura, eu sempre fiquei mais na parte da educação.

A fala acima de Lourenço nos coloca claramente a questão da identidade, ou seja, a valorização de favelado enquanto identidade, o empoderamento positivo até mesmo da palavra favelado revelado em diversas das falas dos diretores do Museu da Maré, especialmente. Segundo Candau (2002, 2006 e 2009) a identidade ora torna-se essencializada, ora pluralizada, dependendo da necessidade da luta política no movimento social. Ora, segundo Lourenço e os

demais membros desse grupo, o empoderamento positivo da palavra favela e favelado, fortalece essa população.

É. Tanto é que quando você fala com o Luiz²⁸, por exemplo, ele sempre fala que o incomodo dele é que ele quer que a Maré toda entre no Museu, né? E se a gente fosse nessa onda do Ecomuseu, a impressão que dá é que você tá mostrando muito mais pra fora do que pra dentro, né? Porque na realidade nossa discussão era de identidade, de pertencimento, não necessariamente do Museu pelo Museu, né?

Lourenço reforça a função do Um seu, ou de outra instituição com outro nome que viessem a criar, o importante para esse grupo de fundadores do Museu era, na verdade, a do fortalecimento identitário através da construção das histórias e memórias locais.

Quando o Museu se preocupa em expor e construir essa história e memória, ou melhor, essas histórias e memórias, sabemos o quanto há de intenção que não só essa memória não seja esquecida, mas seja, principalmente, ensinada às gerações mais jovens. No capítulo seguinte abordaremos esse assunto melhor quando analisaremos os depoimentos de moradores jovens que não viveram nas palafitas, mas sabem dessa realidade pela história oral contada pelas comunidades, ou por seus pais e avós que viveram em tal época e naquelas condições de precariedade.

Appadurai e Breckenridge (2007) reforçam o que acabamos de expor sobre a importância desse processo educativo, que vão denominar de informal.

“Os meios informais de aprendizagem em sociedades como a da Índia não são, portanto, meras curiosidades etnográficas. São recursos culturais legítimos que corretamente compreendidos e utilizados) podem bem aliviar as inúmeras pressões artificiais colocadas sobre a estrutura educacional formal. Os museus constituem um componente emergente desse mundo da educação informal, e o que aprendemos a respeito dos museus da Índia nos revelará coisas importantes sobre aprendizagem, o ato de ver e os objetos, o que, por sua vez, deverá estimular abordagens criativas e críticas dos museus (e dos sistemas informais de aprendizado em outros lugares.” (id, p. 10)

Constatamos nas falas de nossos entrevistados que uma de nossas formulações se confirma, pois imaginamos que o Museu da Maré nasce para facilitar o empoderamento e fortalecimento de comunidades populares através da construção de suas memórias e histórias, no caso de moradores de uma favela.

²⁸ Luiz Antonio é o terceiro diretor do Museu da Maré e do CEASM que eu infelizmente acabei não conseguindo entrevistar. Mas, que sempre foi muito receptivo e colaborador com o meu trabalho de campo, quer nas observações, quer nas participações no Grupo de Memória do Projeto DaMaré executadas no Museu.

*Cada pessoa tem um sentimento diferente. Diferente principalmente entre o morador da favela, independente de ser da favela da Maré ou não, da pessoa que nunca morou em favela. E o que eu sinto, é que para o morador de favela, primeiro tem aquele momento de nostalgia ...
(...) Eu acho que durante as últimas décadas a gente perdeu a rua na favela. A rua sempre foi o local das realizações da favela.*

A fala surpreendente de Lourenço diz que essa nostalgia se deve a uma mudança nas práticas sociais no espaço territorial, ou seja, devido á violência do tráfico, diversas atividades não ocorrerem mais na rua e disso eles tem saudades..

Na verdade, procura-se mostrar àquelas comunidades que elas tem história, que tem glórias em sua resistência em não sair daquele lugar, assim como de conquistar o próprio chão, porque em muitos lugares era água, mangue.

Em geral a identificação do público com o Museu da Maré é muito grande, como o próprio JB nos fala no seu depoimento:

Olha... É até engraçado que quando eu me despedi da instituição a parte mais triste foi quando eu tive que devolver o chapéu do Juvenal.²⁹

O depoimento acima nos ilustra o tanto que JB se envolve com paixão e arte na divulgação da história da Maré, de sua própria comunidade.

Então, na verdade é... Esse ano com a minha saída é... Nós tivemos que nos reorganizar, né, pra continuar esse trabalho. Então, hoje há uma equipe interna composta por quatro pessoas que acompanham os trabalhos dos mediadores. Mas, mesmo assim, eu dentro das minhas possibilidades, ainda faço uma espécie de consultoria com a equipe até dezembro. Então, todos os sábados eu venho fazendo formações extensivas de capacitação”.

JB afirma-nos acima o quanto cresceu como cidadão, como o Museu da Maré foi importante para ele construir uma identidade pessoal, profissional e valorizar mais as pessoas e os lugares onde mora. O Museu fortaleceu portanto, sua identidade. Com certeza, há uma intenção do Museu em desejar fortalecer a identidade da favela e dos moradores da Maré. Nesse sentido se fortalece uma identidade de resistência ou de projeto dependendo do momento e da intenção. (Castells, 1999)

Então, às vezes eu me considero multifuncional, multiprofissional, também. Porque além de serviço social, eu trabalho com outras questões e outras

²⁹ Juvenal é um dos personagens principais de uma história do Livro *Contos e Lendas da Maré*, intitulada “Casamento na palafita”, onde no meio da festa do casório, enquanto os convidados dançavam, o chão da palafita caiu. Essa história é sempre contada com bastante alegria pelos mediadores.dentro do espaço da exposição permanente do Museu da Maré.

funções, também. Eu trabalhei dentro do Museu e depois eu fui orientadora dos Jovens Talentos, que a FAPERJ patrocina. No momento eu ainda estou fazendo esta tarefa.

Também essa identidade multifuncional se fortalece e muda dependendo da função, como nos afirma Terezinha no depoimento acima sobre suas variadas funções dentro do próprio Museu da Maré.

Voltando a Ricoeur (2007) na questão do testemunho e na confiabilidade do mesmo, percebemos a autenticação do testemunho na medida em que diversos moradores das comunidades da Maré demonstram aceitar e referendar as narrativas do Museu da Maré, pelo menos no universo por nós pesquisado.

7.2.3

“O Museu conta minha história, a minha história da infância...”

Não, tinha uma coisa já nossa que era todo o projeto nosso independente do que ele fosse que fosse, de dança, de educação... ele já abria com histórico da Maré.

O depoimento de Lourenço se refere à pergunta que lhe fiz sobre *O que vocês pensaram neste sentido assim da metodologia para educar, para ensinar alguma coisa pelo museu?* Podemos perceber que sem nominar, os “narradores da Maré” se preocupam em escrever essa história de resistência e luta, de dar-se a ler o mundo “com olhos de ver”. Logo, o empoderamento passa por essa democratização da história da Maré e esta só acontece de fato se for por caminho educativo.

Eu acho que em todas as comunidades poderia até ter para reforçar, reforçar, né, que as pessoas ficam tão indignadas e realmente... a partir das histórias, da sua história, de conhecer a sua história é que elas conseguem se valorizar. Mas quando a gente não conhece a nossa história, então... porque quando se desconhece, você pela reação, não quero nem falar onde eu moro, alguém que realmente não conhece a sua história.”

O depoimento acima de Terezinha nos mostra a importância, mais uma vez, do Museu da Maré em sua plenitude, ou seja, na escrita da história local de grupos excluídos socialmente. Diversos de nossos entrevistados nos confidenciaram que dependendo de onde estivessem respondiam que moravam em Bonsucesso, caso isto lhe fosse favorável, ou na Maré, se fosse mais vantajoso socialmente essa resposta. Appadurai & Breckenridge (2007) nos falam que os museus continuam a

ser fundamentais para a formação dos cidadãos fazendo parte de um complexo expositivo (id, p. 23)

Eu vejo essas mudanças porque as pessoas retornam, elas divulgam, elas trazem outras pessoas. Quando elas veem, elas ah, eu já vi no Museu, o Museu conta minha história, a minha história da infância...”

Sim, e elas gostam muito assim, isso é muito bom, né. Um Museu que traz a história da gente, tem as fotos da gente, esse registro...

Os trechos dos depoimentos acima de Terezinha revelam o quanto de orgulho existe em quem se identifica e se vê como protagonista daquela história, do valor daquelas lutas e que são retratadas e revividas na exposição do Museu, na construção da história e memória daquele lugar...

Não, era ordem da Secretaria de Desenvolvimento de não deixar fazer mais casa na comunidade, só podia, é... eles tinham um boletim que dizia podia reformar, se a casa tivesse caindo, mas não podia fazer novas casas. E assim mesmo, só podia fazer com o mesmo material, não podia fazer com material diferente. Então, nós, eu e um presidente da, do Parque União, com a minuta com o Mário Andreazza me deu.

Não, é porque antigamente nas comunidades não tinha luz. A light chegava na entrada da favela, plantava uma casinha ali, que duas pessoas da comunidade se responsabilizavam pela luz. Então, ...

Toda essa história de luta contada oralmente por “Seu” Anastácio e outros, se encontra narrada no Museu da Maré nos diferentes *Tempos* em que é dividido o Museu. Chagas (2007) desvela o significado da divisão dos *tempos* no Museu da Maré no trecho a seguir:

“Um museu concebido em 12 tempos, tempo da água, tempo da casa, tempo da migração, tempo da resistência, tempo do trabalho, tempo da festa, tempo da feira, tempo da fé, tempo do cotidiano, tempo da criança, tempo do medo e tempo do futuro. Um museu que concebe o tempo, simultaneamente, de modo diacrônico e sincrônico. Um museu que dialoga com relógios, calendários, cronômetros e diferentes ritmos naturais e sociais.” (Chagas, id, p. 140)

“Seu” Atanásio, assim como outros moradores que são “narradores” da comunidade, doou ao Museu diversos objetos e papéis que descortinam e convidam o visitante a conhecer esse passado. Tais elementos, como cartas de associações de moradores, mandatos de prisão, cartas de posse dadas pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) são como “migalhas” desse passado recente que teimam em contar uma história tão distante da história oficial e governamental. Le

Goff (1999) nos sinaliza o quanto a história oral tem se firmado nos dias atuais. A partir de 1950 nota-se uma valorização e mesmo exaltação da memória coletiva, busca-se a memória não só nos documentos e textos, mas nos gestos, nas imagens, ritos, festas, dentre outros.

A: Nem sei bem...só vindo por aí! (risos).

A: Tem uma menção honrosa aí...

H: Mas, o senhor não colaborou com os objetos aqui do Museu?

A: Colaborei, colaborei...

O diálogo acima e abaixo feito entre “Seu” Atanásio (A) e eu (H) no momento de sua entrevista, durante um “Chá de memória” no Museu na “Primavera de Museus”³⁰ em 2011, nos comprova o quanto o acervo do Museu é composto por pertences da comunidade.

“A: Inclusive eu tenho uma máquina de costura que eu comprei quando eu cheguei... aí, uma das diretoras daqui é doida: “- Traz essa máquina pro museu!”

- Essa não! Essa é relíquia minha...essa não! Quem quiser conhecer vem aqui na minha casa! (risos)”



Foto 48 de Helena Araújo - “Chá de memória” no pátio do Museu da Maré em 2011.

³⁰ A “Primavera dos Museus” é um evento que ocorre todo ano envolvendo os Pontos de Cultura do Brasil inteiro, ou seja, os museu comunitários, ecomuseus ou Pontos de Cultura promovendo ao mesmo tempo uma semana de discussões e atividades sociais e culturais em seus espaços.



Foto 49 de Helena Araújo - “Chá de memória” com um dos contadores de histórias se apresentando.

A irreverência e simplicidade da resposta de “Seu” Atanásio ilustra o quanto alguns membros da comunidade se sentem íntimos com o acervo e o próprio Museu, chegando a misturar os seus próprios espaços público e privado.

Já estava atuando dentro do CEASM, que eu fazia pré-vestibular, e a partir do pré-vestibular a gente foi fazer uma oficina de contação de história, acreditando que era para uma outra história, não uma história local, e quando nós começamos a fazer a oficina a gente viu que dava para trabalhar as histórias locais, da Maré.

A descoberta da possibilidade de se narrar a história local, de construir uma memória de resistência e luta daquelas comunidades se origina no trabalho feito pelo CEASM. A fala acima de Terezinha, que assim como alguns outros membros do Museu da Maré frequentaram o pré-vestibular do CEASM, elucida a importância do projeto político e identitário construído por essas duas instituições. Quando esse grupo fortalece e escreve sua história local como protagonistas que são dessa mesma história, não só fortalece as identidades locais como se diferencia ou quer se diferenciar.

Cuche (1999) nos fala da importância da questão identitária estar ligada ao viés cultural, pois para ele a identidade se constrói através de processos de laços

conscientes escolhidas por oposições binárias, porém a cultura se dá por um processo inconsciente de diferenciação.

Eu lembro que teve uma vez que a gente fez uma transmissão do desfile do Corações Unidos de Bonsucesso que foi um alvoroço, todo mundo correndo um para avisar o outro que estava na televisão aquela transmissão, "Ah, no canal..." - acho que era o canal sete, ou nove - "...está passando o desfile do Corações Unidos". Aí, todo mundo correu para assistir, foi muito interessante essa experiência também; e aí nós tivemos a ideia de fazer um vídeo sobre a história da região. Depois da gente conhecer, de ouvir várias pessoas falando e começamos a fazer um roteiro e a fazer também algumas entrevistas. O roteiro tinha a ideia das entrevistas e esses moradores que davam entrevistas, eles falavam muito, eles tinham um carinho muito grande pela história de vida deles, pela história da comunidade, como é que eles chegaram ali, de onde eles vieram...

É... moradores mais antigos, a gente procurou aquelas pessoas que eram referência, o pessoal mesmo dizia: "Vai lá, entrevista o "Seu" fulano, entrevista o "Seu Manel", entrevista o Atanásio, entrevista o Agamenon". Então, as pessoas... "Ah, entrevista o "Seu" Albano, que é pescador". Então, nós fomos fazer todas essas entrevistas e essas entrevistas foram um marco, porque elas revelaram uma memória do lugar que a gente não conhecia

Os dois depoimentos acima de Carlinhos nos revelam a descoberta da história da Maré, futuro fio condutor de todas as atividades desse grupo, quer na educação ou na cultura.

Também o depoimento abaixo de Lourenço revela tanto o deslumbrando com a descoberta da história da Maré, quanto demonstra a importância do CEASM na construção de seu espírito crítico e cidadão, além de destacar o início do surgimento da Rede de Memória.

Isso. Na realidade eu conheci foi o CEASM, meu irmão foi lá fazer o pré vestibular, uma das primeiras turmas, em 98. Aí, naquela época eu trabalhava em loja e não tinha como fazer o pré vestibular. Então, o CEASM, na época estava contratando pessoas pra trabalhar num projeto, num trabalho de prestação de serviços que tinha para a Light. E aí, eles fizeram um concurso público na Maré. Aí eu fiquei em primeiro pela Vila do João, que era um por cada comunidade. Aí, foi quando eu conheci o CEASM. E aí, a partir disso, também, eu conheci a Maré, através desse trabalho, porque era um trabalho que a gente ia de casa em casa. Aí, a gente redescobriu a Maré! Era um trabalho de educação, de consumo de energia. E foi muito legal. Aí, logo depois, no ano seguinte, aliás, no final do ano de 98, quase 99, eu entrei para o vestibular. (...) continuei a fazer o pré-vestibular e envolvido com um monte de coisas. Militância já dentro do pré-vestibular. (...) 'Aí, eles me chamaram pra trabalhar. Na verdade, eu fiz prova do IBGE, passei, mas abri mão para trabalhar no censo daqui. Aí, voltei para o CEASM. Mas naquela época dentro do CEASM já se discutia essa questão da memória da Maré. E se eu não me engano, em 99, já estavam fazendo a rede de memória.... começando a nascer o jornal.

Também na fala acima de Lourenço vemos a importância da publicação do Jornal O Cidadão para toda a comunidade. Cabe lembrar que no final do Jornal, que existe até hoje, há uma página dedicada à memória da Maré, à história do lugar.

(...) Em 92 acaba realmente o projeto da TV Maré. A gente fica com aquele material, em 95 eu entro para a associação de moradores e na associação a gente tem muitas ações que a gente começa a desenvolver, eu também vi que a associação tinha um acervo de fotografias, de documentos, estava todo estragado praticamente e eu vi que realmente era urgente a gente tentar recuperar essa memória da comunidade que estava se perdendo por uma falta de consciência mesmo das coisas. Quando em 97 a gente resolve fundar o CEASM, a questão da memória já está também dentro da perspectiva do CEASM. O CEASM, ele surge da questão de um reencontro de pessoas que atuaram na Igreja e no PT local. Durante certo tempo a gente começou a fazer algumas reuniões querendo reativar o PT já que a gente estava fora da Igreja. A gente queria ter algum trabalho dentro da comunidade, nesse meio tempo a Maristela, que era minha tesoureira na associação, ela está trabalhando na Secretaria de Habitação e ela está trabalhando com a Eliana. A Eliana também trabalha na Secretaria de Habitação. Então, a gente juntou essa coisa da Eliana estar lá: "Ah tá, vamos tentar fazer alguma coisa? Vamos tentar reativar o PT aqui na Maré?" e começamos a fazer as reuniões no espaço onde hoje é o CEASM do Timbau, que era um espaço que o pessoal chamava de CETOT. Estava muito degradado, algumas famílias estavam morando ali...

O depoimento denso de Carlinhos, sobre a origem do CEASM e sua vinculação com a militância política desse grupo, nos permite entender a riqueza dessas trajetórias de vidas individuais. Também, compreendemos que havia a necessidade da construção da história local não apenas como história em si, mas como metodologia disparadora para conscientizar e alcançar um fortalecimento identitário.

E o Arquivo Orosina Vieira ele teve esse nome justamente por causa da figura da dona Orosina, porque a gente quando fez a questão do vídeo, nós acabamos descobrindo que a dona Orosina era uma figura fundamental. Dona Orosina era uma moradora antiga. O pessoal dizia que era a mais antiga; não era, depois a gente viu que tinha um pessoal da Praia de Inhaúma, tinha os familiares do Conrado das Neves, que foi proprietário daquela região e que a Maré também tinha sido formada por vários núcleos de ocupação. Então, não era assim, cada núcleo tinha uma história, tinha uma questão política envolvida de cada tempo. Então, a Maré não era uma coisa única.

Carlinhos no depoimento acima nos fala sobre a origem do nome do Arquivo Orosina Vieira, as descobertas históricas desse grupo de “narradores” e como esse trabalho de memória foi sendo feito ao longo de um processo que gerou o Museu da Maré.

Chagas & Abreu (2007) nos afirmam que existe essa vontade de memória, vontade de patrimônio e vontade de museu de diferentes grupos sociais, como nos deparamos todo o tempo nas falas de nossos entrevistados.

“Convém registrar que esse empreendimento museológico insere-se no conjunto de ações que permitem identificar a manifestação da vontade de memória, da vontade de patrimônio e da vontade de museu de diferentes grupos sociais. Neste caso, trata-se de necessidade vital de um grupo de jovens moradores do complexo de favelas da Maré, que, exercendo o direito à memória e à escrita da história, passam a construir narrativas na primeira pessoa (do singular e do plural) e a escrever uma história pouco conhecida, cuja referência é o ponto de vista de quem nasceu, cresceu e experimentou a vida a partir das suas diferentes comunidades.” (id, p. 132)

7.2.4

“O Museu da Maré é um aparelho muito visual e auto educativo”

Ficou só Museu da Maré. E aí, assim, como eu estava te falando, todos os projetos tinham esta ideia da história da Maré, como um viés político na instituição para qualquer projeto que ela venha querer fazer e, como um museu, ele é instrumentalizado, né? Ele é um aparelho assim, muito visual e auto educativo para fazer este trabalho político, entendeu?! Então, ficou muito mais fácil fazer a entrada e os questionamentos que surgem a partir dali. (Lourenço César, um dos diretores do Museu da Maré

Assim como Appadurai e Breckenridge (2007) percebem nos museus indianos, Lourenço afirma acima ter o Museu da Maré uma função auto-educativa, ou seja, todos os projetos desse grupo - que também criou o CEASM - tinham como eixo a história da Maré, queriam ensiná-la, valorizá-la e com isso, proporcionar o fortalecimento identitário daquela população. A história da Maré é então, o fio condutor da exposição permanente do próprio Museu.

Não, ele não representa, ele não representa e acho que nem pode representar, é inviável representar, porque a gente tem aí, 16 ou 17 favelas, cada uma com histórias diferentes umas das outras. E o que eu acho, que gosto do museu, é que ele é, sabe aquilo que o Paulo Freire chama de palavras geradoras, o museu para mim é isso: ele tem alguns objetos que fazem isso com a sua mente, e você vê aquela foto, tanto é que ele não tem um roteiro, embaixo assim desta foto aqui é referente a num sei o que ... num sei o que, porque fulano fez tal, o museu não tem isso. Isso acho legal, porque a história, ela é muito particular, a relação da pessoa com aquele objeto é muito particular. Então, a pessoa olha aquela foto, aquela foto, abre uma gaveta na memória da pessoa e vai transbordar aquele montão de coisas.

A fala acima de Lourenço deixa claro que não há intenção no Museu da Maré dele representar todas as comunidades. Se o Museu é autoexplicativo é

porque os elementos que o compõem são emblemáticos e bastante significativos para a maioria da população da Maré, que se identifica e de certa forma alguns revivem aquele contexto (Halbwachs, 1990).

Não podemos nos furtar de analisar e compreender que todo esse projeto do Museu da Maré está ligado a um processo muito maior educativo e claramente político e ideológico.

É, já era Rede de memória, mas um dos trabalhos da... porque o CEASM era dividido em redes: rede de educação, rede de cultura, rede de memória, rede de trabalho, rede de não sei o que, era tudo baseado nesse princípio de redes.

O trecho acima da entrevista de Carlinhos ilustra o quanto o Museu da Maré foi gestado numa instituição educacional, pois nasceu como uma “perna” ou um “braço”, uma extensão do CEASM. A Rede de memória do CEASM vai constituir o embrião do que viria a ser o próprio Museu da Maré, desde o início já imbricado numa proposta ideológica, política e educacional.

Na verdade, se ampliarmos a análise das práticas educativas do Museu da Maré nos depararemos por vários ângulos com toda a criação do CEASM e com a intencionalidade desse grupo de fundadores do Museu da Maré - cuja maior parte deles também fundou o CEASM - de formar cidadãos críticos, protagonistas de sua própria história. Portanto, intencionavam e intencionam educar através do CEASM e do Museu da Maré em prol de uma cidadania plena e cultural (Candau, 2002).

A história da Maré entra como eixo, ponto nevrálgico de todo e qualquer projeto do Museu ou do CEASM, portanto como princípio metodológico e filosófico de ação. Mesmo que não haja a clareza plena de uma prática educativa determinada, constatamos que há a intenção de que a memória e história da Maré sejam narradas e transmitidas aos seus moradores. Sendo assim, de qualquer forma esse aprendizado se dá mesmo que seja de forma auto educativa, como nos afirma Lourenço em parte da sua entrevista relatada acima.

O Museu da Maré tem intencionalidade nesse tipo de projeto, ou seja, que os moradores conheçam e valorizem a sua história, a história da Maré. Segundo Trilla (2008) e Gohn (2010) o aprendizado gerado pela educação não formal não é espontâneo, é propositivo e intencional, como acabamos de examinar no caso do Museu da Maré.

“É neste cenário nada promissor que um grupo de jovens moradores – que, a despeito das precárias condições de educação na região, conseguiu chegar à universidade – organizou uma associação civil sem fins lucrativos, disposta a mudar o rumo da história da Maré e a criar uma rede de solidariedade. Numa sala cedida por uma igreja do Morro do Timbau, esses jovens fundaram o CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, cuja primeira iniciativa centrou-se num Curso de Pré- Vestibular para estimular o ingresso dos jovens nas universidades. Aos poucos, outros projetos foram surgindo, como o Corpo de Dança da Maré, o jornal *O Cidadão*, o grupo Maré de Histórias, a Biblioteca, o Laboratório de Informática, o ateliê de moda Marias da Maré e a Rede memória da Maré. “ (Chagas & Abreu, id, p. 138-139)

Chagas & Abreu (2007) apresentam em seu texto as relações intrínsecas de todas essas instituições e iniciativas de cultura, educação e memória feitas por esse grupo de jovens. Tais iniciativas foram se expandindo e ganhando consistência até chegar à criação do CEASM e do próprio Museu da Maré. Tais iniciativas e instituições hoje em dia extrapolam a região da Maré e os muros de CEASM e do Museu.

Eu já trabalhei como contadora de história e quando sou solicitada ainda faço esse trabalho, trabalhei como monitora.

(...)

Nas exposições, em outros lugares que somos solicitados fora do Museu ..., universidades, escolas.

Esse trabalho do Museu da Maré extrapola os muros do próprio Museu, como nos afirma Terezinha no depoimento acima. Eles são chamados para apresentar seu trabalho em diversas universidades, outros museus, pontos de cultura etc.

Então, toda a minha formação hoje como cidadão, né, vem do Museu da Maré. Nesses cinco anos o Museu me proporcionou muitos aprendizados enquanto profissional, enquanto pessoa, enquanto morador mareense, né! Nesses cinco anos eu pude construir uma identidade, né, enquanto pessoa, enquanto profissional; eu pude valorizar ainda mais o lugar onde eu moro, as pessoas que me rodeiam.”

A fala acima e abaixo de JB reforça o que nos disse Terezinha, ou Lourenço, por exemplo, que o Museu não só ensina, educa seus visitantes, ou moradores da Maré, mas a seus próprios funcionários, na medida em que eles também passam por uma formação continuada na medida em que são protagonistas daquela mesma história e vivem imersos naquele mesmo contexto. Além disso, o depoimento de JB chama muita atenção pela ênfase dada ao fato do

Museu da Maré ter revelado e afirmado sua identidade pessoal, profissional e de um “ser mareense”, pois chegou à Maré quando tinha 5 ou 6 anos, porém encontrou o Museu com 18 anos. JB desempenha diversas funções no Museu. Como mediador de grupos agendados ou visitantes, também faz parte da ação de contação de histórias do Museu e seus depoimentos se remetem à importância do Museu em sua formação e aprendizado. Como desdobramento desse trabalho chegou à coordenação do grupo de leitura na Biblioteca Elias José do Museu da Maré e coordenou a equipe de mediadores, dando-lhes formação aos sábados³¹.

E já tiveram assim diversas falas de: “Olha, esse é o primeiro museu que eu visito, né!”. Isso também é importante, né? Essa referência hoje do Museu da Maré. Eu fiz também um trabalho em uma escola no ano passado pelo Museu da Maré, onde descobri que o plano pedagógico da escola era justamente a memória local.”

Portanto, o Museu da Maré mesmo que não deliberadamente já faz suas interseções pelos espaços de educação formal, favorecendo a articulação entre espaços educativos formais e não formais. Além disso, o depoimento acima de JB nos mostra provavelmente os frutos das ações realizadas pelos “narradores da Maré”, tendo em vista a valorização e construção da história e memória local nas escolas públicas da região, tendo inclusive influenciado o plano pedagógico de uma escola municipal da região.

Esse trabalho é fazer o resgate histórico da Maré, né, com todo o nosso acervo, tanto bibliográfico quanto de foto. Aí, eles conhecem e diante disso a gente também faz uma exposição dentro do Museu da Maré, fala para ele de cada espaço, de cada tempo, porque o Museu é dividido em doze tempos. Então, de cada tempo, a partir daí, eles visualizam e começam a reproduzir o que eles viram enquanto contamos para eles o que é o Museu da Maré e essa tarefa é diária.”

Terezinha refere-se na sua fala acima ao fato dos moradores da Maré ao visitarem o Museu aprenderem a história da Maré, observando a memória ali construída e reinventada através do acervo de fotos, objetos etc, que fazem parte do acervo da exposição permanente do Museu. Sendo assim, após essa visita guiada eles muitas vezes dão um significado outro à sua história e ao entendimento sobre o próprio contexto geográfico e histórico no qual vivem.

³¹ No momento da entrevista JB ainda estava trabalhando no Museu da Maré, mas já em horário restrito, pois estava deixando o trabalho lá para desenvolver um trabalho do gênero na Colônia Juliano Moreira num Projeto vinculado à Fiocruz.

Assim sendo, mais uma vez fica claro que o Museu da Maré, como todo e qualquer museu, possui um potencial pedagógico (Mesquita, 2006).

O Museu vem com a prática educativa quando ele traz as pessoas para discutirem, né, a sua situação enquanto morador da Maré. Pré-vestibular, ele fazia isso, ele trazia outras pessoas, às vezes até de outras línguas. Então, tinha um grupo muito grande de professores, também graduados, pós-graduados, que vinham discutir dentro do Museu da Maré com os alunos do pré-vestibular do CEASM.

A fala acima de Terezinha nos remete a uma recorrência em nossas entrevistas ao fazermos a pergunta: *E você acha que o Museu da Maré tem práticas educativas? Quais que você percebe como práticas educativas?* Na verdade, vários “narradores da Maré” ao serem indagados sobre este tema não falam de práticas especificamente pedagógicas, porém tem total consciência de que determinadas práticas sociais educam ao construir memória e história local de forma eficiente e significativa, como por exemplo, a forma de exibir e selecionar objetos, fotos ou contar lendas e histórias / histórias da Maré.

O que mais ensina, o que dá de exemplo é o modo de vida que as pessoas tem aqui dentro, não só no Museu, mas como toda a área da Maré. O nosso modo de vida, como as pessoas vivem, porque as pessoas que moram na cidade ou em outras localidades, eles tem as comunidade proletárias, como casas só de marginais, e não é! Então, o que o Museu quer, justamente, é que eles venham nos visitar, para ver o que é que significa essa história. Eu, por exemplo, moro aqui há cinquenta e sete anos.

O depoimento de “Seu” Atanásio ilustra a questão educativa do Museu. “Seu” Atanásio demonstra sua preocupação de que as pessoas de fora da Maré entendam que eles são uma comunidade proletária, com vida digna e decente. Até mesmo pelo uso que faz da palavra *ensina* fica claro a intenção de educar. Nessa fala “Seu” Atanásio se preocupa com a imagem dos moradores da Maré pelo restante da cidade, se preocupa com o que o resto da cidade pensa sobre o local, quer portanto, desfazer preconceitos socioeconômicos, desfazer guetos sociais, enfim, colaborar com o ir e vir da “cidade partida”.

As interpretações das práticas educativas do Museu da Maré também se desdobraram por caminhos inimagináveis no momento da realização das entrevistas, pois cada um de nossos “narradores” contemplou diferentes visões e observações cabíveis sobre esse processo educativo não formal.

(...) Porque dentro disso eu que, eu acho isso, os garotos que não entram aqui, os garotos que não estão inseridos num (...) na questão educacional, eu acho que é porque eles fazem parte de uma rede. Então, qual era a minha ideia?! Esse espaço aqui deveria ser um espaço que influenciasse as redes, que criasse uma outra rede. Então, um garoto que tá fora da escola, ele tem uma rede dele, só de garoto fora da escola. Meu sobrinho faz parte desta rede, não quer estudar de jeito nenhum, mas quando ele entra aqui, ele entra em outra rede.

A resposta de Lourenço nos faz pensar o quanto a ideia de museu como espaço de educação está junta o tempo todo para esse grupo, ou seja, como esse Museu pode lidar com as crianças e jovens que se recusam a estudar, ou se quer a ir à escola.

(...) essa questão de projeto pedagógico...Ou educativo, é uma coisa que a gente nunca pensou de uma forma direcionada assim.

(...). Consciente. Vamos dizer assim: “Vamos fazer um projeto educativo, para trabalhar com as crianças”. Por incrível que pareça, com a coisa do Museu, tudo era muito assim, muito a partir de experiências, e com essa parte educativa assim, também não foi diferente. Então, a gente teve ali o curso, a questão das entrevistas, o interesse das escolas da região pela memória e pela história; a última página do jornal "O cidadão", que vinha com a memória da Maré, era o nome da página com a história em capítulos, fez um sucesso muito grande. Esse texto era usado nas salas de aula e os professores começaram a demandar para os alunos pesquisas sobre a história local. Então, isso nos chamou a atenção, ao mesmo tempo em que você via o interesse desses alunos, você via que havia toda uma ... eles tinham uma relação diferente com essa coisa da memória do lugar onde eles viviam, que eles não conheciam, as mudanças que aconteceram ali. Então, foi muito interessante [...]. Então, chamou a nossa atenção, e a gente viu que precisava começar a desenvolver também, algumas ações que tocassem mais os alunos da rede, os professores, que a gente pudesse também apoiar esse trabalho que eles estavam desenvolvendo sobre a história local... E aí, começamos a fazer assim, a pensar, primeiro a questão da construção de história. Eu acho que é uma coisa ultra, super educativa, no sentido de que você faz a encenação, a teatralização de histórias locais, e que criam um contexto que abre possibilidade de você estar conversando e contextualizando a forma de vida das pessoas ali no lugar. Então, foi uma atividade bem interessante, [...] organizou um curso, é um curso de contação de histórias, divulgamos esse curso e vieram várias pessoas fazer esses cursos.

Carlinhos também nos “fala” acima sobre como as práticas educativas foram sendo construídas. Em todas essas atividades identificamos o tempo todo uma função inerente e visceral ao Museu da Maré, suas práticas educativas imersas no universo cultural local.

É, por aí, 2005, 2006. Foi nesse processo que a gente começou já com essa preocupação. Porque a preocupação da interlocução com as escolas, ela

veio antes do Museu, como trabalhar memória, como divulgar todo o material que a gente tinha sobre a memória local, para as escolas, para que os alunos se apropriassem desse material. Então, começou uma preocupação maior da gente trabalhar dessa forma, mas não era um trabalho, assim, pensado com metodologias, com... era um grupo de contação de histórias, era o arquivo disponível para atendimento dos alunos das escolas, a colocação de textos no jornal, na internet.

A fala acima de Carlinhos nos confirma que mesmo pelo bom senso ou pelo lugar da experiência, sempre houve uma busca, mesmo que não consciente por uma prática educativa baseada na vivência para que a história da Maré fosse divulgada e aprendida pelos alunos das escolas do entorno e prioritariamente moradores daquela região.

É o arquivo lá, com fotos, com material, que sempre é muito utilizado pelos alunos das escolas, exposições das escolas. Mas quando a gente fala em educação, a gente não está falando só em escola, do ensino formal... (...). A gente está falando da educação não formal, da educação das pessoas, do papel da memória na vida delas, na consciência delas.

A fala acima de Carlinhos exemplifica exatamente o que estamos tentando defender, poderia não haver consciência de quais técnicas pedagógicas usar, porém houve intenção em construir e transmitir essa memória contra-hegemônica dessas camadas populares e fazer com que aflorasse o sentimento de pertencimento dos visitantes/ moradores através da experiência no Museu. A intencionalidade e a não escolarização caracterizam fortemente os espaços educativos não formais, como abordamos no capítulo 3.

É, muita coisa, é. Ele (o Museu da Maré) em si já é um processo educativo, que vai contando, vai narrando sem muita... o que eu acho interessante é que o Museu ele não tem um viés assim: "Foi assim!", de colocar uma verdade ou de estabelecer uma identidade, como a gente estava até conversando. Não é isso, o Museu ele dá subsídios para que você trabalhe, e você... a tua identidade, a tua relação com o lugar e dá subsídios, também, para que você se forme enquanto pessoa.

Ainda Carlinhos nos presenteia com a fala acima sobre o fato do Museu por si só ser educativo. Esta afirmativa nos remete a Kersten & Bonin (2007, p.120) quando nos dizem que os museus tem como principais funções educar e entreter. Também, se mostrou em nossa entrevista com uma visão ampla da educação, não a restringindo apenas ao espaço escolar.

Chagas & Abreu (2007) nos falam da importância dessa memória depositada e construída no Museu da Maré possibilitar o ressignificado da geografia cultural da cidade.

“Ao trabalhar com memórias, tempos, identidades, pertencimentos e representações simbólicas, o Museu da Maré ressignifica o mapa cultural da cidade e deixa patente para outras comunidades populares que é possível exercer o direito à memória, ao patrimônio e ao museu. O exercício desses direitos aqui e agora é peça-chave para a construção de futuro com dignidade social.” (id, p. 150)

Quando abordamos mais diretamente o Museu da Maré como um espaço educativo não formal, não podemos deixar de refletir sobre a existência e funcionamento da Biblioteca Elias José do Museu da Maré. Os detalhes sobre seu funcionamento já foram abordados no capítulo 4 que fala sobre a criação do Museu da Maré. Porém alguns “narradores” se referiram a ela em nossas entrevistas. Em inúmeras vezes, em dias diferentes vimos crianças se dirigirem para lá ou brincarem à sua porta.

Eu tô atuando, não tem nem trinta dias ainda. Tem pouquíssimo tempo que eu tô... Então, não tenho como dar respostas concretas para você, porque eu só percebo o seguinte, que o projeto “Prazer em ler”, que é da C&A, patrocinado pela C&A, ele traz essas crianças para virem participar dentro de uma biblioteca. Dá acesso a essas crianças a uma biblioteca, com um acervo bem rico, e também ele... profissionaliza, ele prepara essas pessoas para virem trabalhar na biblioteca do Museu da Maré, o nome da biblioteca é Elias José.”

Pelo que nos disse acima Terezinha, o Projeto “Prazer em ler” funciona na Biblioteca Elias José e traz muita alegria para a garotada. É um projeto de incentivo à leitura e envolve profissionais competentes. Porém, o que nos chama mais a atenção é o fato dele funcionar dentro das dependências do Museu da Maré. E é tratado pela comunidade que frequenta o Museu, assim como pelos funcionários e diretores do Museu como atividade do próprio Museu. Sendo assim, mais uma vez nos revela um outro conceito de museu: um museu que de fato vem ao encontro dos anseios da comunidade, serve ao movimento social e à celebração da vida e do ser humano, como nos revela abaixo Vieira (2007).

“Com a criação do museu, há um movimento de valorização da experiência vivida. O sentimento de pertencimento e orgulho desperta o desejo de transformação da realidade. É por isso que o Museu da Maré se propõe a não se limitar a uma exposição; o objetivo é atingir a vida das pessoas e chamá-

las a participar. Se elas fazem parte do que veem e se o que veem é um momento de um processo contínuo, que elas se sintam convidadas a permanecer como agentes neste processo, que é o processo de construção da própria vida.” (Vieira, 2008, p. 159-160)

Outro ponto central de nossa discussão e pesquisa é a frequência ao Museu da Maré, ou seja, ainda encontramos dados e observamos em nosso trabalho de campo que os alunos e as escolas são o maior número de visitantes até os dias atuais. Porém, abordaremos melhor esta realidade no capítulo seguinte sobre visitas ao Museu.

Olha, mudanças são as de ver crianças frequentando, muitas, o Museu, e o interesse dessas crianças de conhecer essa história, e o pai também trazer essa criança, né. Isso é muito importante, de fazer esse resgate, e de mostrar o diferencial do antes e do atual e também, da escola, isso é muito valioso. Hoje a escola dá esse valor ao Museu enquanto histórico, para trazer a criança para fazer a pesquisa.”

O depoimento acima de Terezinha confirma nossa observação de campo, muito embora tenhamos nos deparado com outros grupos de visitantes, como: turistas alemães levados ao Museu pelo Instituto Goethe, holandeses voluntários que pintaram as paredes externas do próprio Museu, universitários de diferentes lugares e faculdades, moradores locais, grupos especializados ligados a Pontos de Memória de diferentes lugares do Brasil, dentre outros. Este aspecto será também melhor explorado no capítulo seguinte em que discutiremos os dados analisados nos Livros de Assinaturas e de Depoimentos do Museu.

7.3

Retomando nossas narrativas iniciais ou “A possibilidade de você se emocionar!”

O que eu acho que é o diferencial? Porque por mais simples que seja o Museu, mais elementar do ponto de vista de uma visão museológica, social, sei lá; eu acho que ele tem essa característica, não é uma coisa piegas não, eu acho que é uma coisa que falta para as pessoas hoje, que é a possibilidade de você se emocionar!

(...)

Se identificar, de você projetar para dentro de você mesmo, fazer uma reflexão sobre a sua vida, sobre a sua existência, sobre a sua história pessoal. (Carlinhos)

Emoção, sentimento, memória, pertencimento, educação são palavras, como as de Carlinhos acima, que rechearam esse capítulo cheio de depoimentos e

reflexões. A despeito deste rico capítulo tão denso e emaranhado de informações, de análises e dúvidas, de questionamentos, nos encaminhamos para algumas conclusões parciais.

Primeiramente, todos os nossos entrevistados demonstraram consciência política sobre o movimento social, político e ideológico no qual militam na área cultural e/ ou museográfica. Não há dúvida em nenhum deles de que o Museu da Maré surgiu na luta política, no movimento social e unido a uma outra “instituição-mãe” denominada CEASM, à qual todos eles se vinculam, quer seja por terem sido seus alunos, ou professores como membros fundadores, sendo a exceção o “Seu” Atanásio (morador antigo e atuante na comunidade).

Um segundo ponto fundamental é a clareza, consciência e lucidez de todos os nossos entrevistados em relação à valorização da história local. Todos reafirmam a importância da história da Maré ser construída e narrada para todos. Todos entendem e valorizam a extrema importância disso para o fortalecimento identitário e reconhecem o quanto cresceram socialmente e politicamente quando descortinaram essa realidade histórica. Por isso, diversos deles falam da importância de todos os projetos, quer do CEASM ou do Museu da Maré, inserirem a história e a memória local. Todos os projetos ligados a esse grupo abordam em diferentes linguagens a história da Maré.

O terceiro ponto a salientar é o fato de que a maioria de nossos “narradores” demonstrarem conhecimento da existência de práticas sociais que possam facilitar o fortalecimento identitário através da construção e transmissão da memória e história local. Tais práticas sociais foram identificadas por nós, ao longo desse processo, como práticas educativas mergulhadas em redes educativas num universo cultural e praticadas num espaço educativo não formal específico, o Museu da Maré.

Sendo assim, todos os entrevistados admitem que o Museu educa. Nesse sentido, Lourenço foi o único que vinculou o Museu da Maré à Pedagogia de Paulo Freire. Cabe-nos, a chamada de que Lourenço, de nossos entrevistados é o único com Licenciatura em Geografia. Lembramos também, que a pedagogia freiriana influenciou teoricamente os criadores do termo ecomuseu - como Hugues Varine - e toda essa conceituação do que é e para que serve um museu comunitário

Uma outra conclusão que pode parecer óbvia, mas é recorrente nas respostas de nossos entrevistados é o reconhecimento unânime do papel do Museu da Maré para a comunidade como um todo. Embora vários deles tenham nos falado da necessidade de o Museu contemplar mais algumas comunidades, que ainda se sentem pouco representadas nesse espaço, todos ratificaram a importância do Museu da Maré para a comunidade em geral.

Um outro item colocado de forma diversa, mas sobre o mesmo tema, é o fato de todos acharem importante que se vençam os preconceitos e a guetificação sociais e econômicas e o Museu da Maré seja um Museu para além da comunidade, para a cidade, o país e o mundo.

Somente alguns “narradores” percebem no teatro uma forma de linguagem utilizada para didaticamente contar as memórias narradas no Museu da Maré.

Por fim, constatamos o quanto as redes educativas do cotidiano emergem nas práticas do universo cultural da Maré e do próprio Museu da Maré, a despeito de muitas vezes elas nos parecerem invisíveis, porém sempre presentes de forma sutil e atuante.

A fala emblemática de Lourenço quando o questiono sobre o fato do Museu da Maré representar ou não todas as comunidades da Maré, ilumina nossa reflexão de forma lúcida e consistente sobre o papel do Museu da Maré para todas aquelas comunidades. A palafita do Museu, as imagens das fotografias com cenas do cotidiano (como o “rola-rola”, os caminhões de mudanças, as construções dos barracos e das casas de alvenaria), as brincadeiras das crianças, os tijolos e janelas das construções etc, são como palavras geradoras, freireanamente falando, que fazem disparar a memória coletiva.

Se educar é transformar subjetividades e produzir identidades (Silva, 1999), não é isso o que o Museu da Maré faz ou quer fazer?

No próximo capítulo apresentaremos os dados e análises dos Livros de Assinaturas e Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré.